

A CASA COMO SEMENTE DE PRÁTICAS POÉTICAS: DESLOCANDO PROCESSOS DOMÉSTICOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS E DIALÓGICOS

THE HOUSE AS SEED OF POETIC PRACTICES: THE DISPLACEMENT OF DOMESTIC PROCESSES IN PUBLIC DIALOGICAL SPACES

Alice Jean Monsell / UFPel

RESUMO

Este artigo discute o processo criativo de uma poética visual que expande seu contexto de investigação das práticas cotidianas e da cultura material da casa. O contexto doméstico é visto como uma semente que germina, discutido em referência à noção do 'doméstico' em Michel Maffesoli. O texto aborda meu percurso como artista, utilizando a metodologia de pesquisa em poéticas visuais que foca no processo criativo de uma poética singular. Considero este processo poético que investiga a casa e o compara com uma semente que se expande de dentro para fora, afetando e interagindo com o mundo. Esse deslocamento expansivo poético é exemplificado por meio das propostas artísticas que ocorrem fora dos limites do espaço físico da casa, no dito espaço público, em contextos sociais variados e utilizando procedimentos dialógicos.

PALAVRAS-CHAVE

O doméstico; Novo Gênero de Arte pública; Semente; Arte dialógica; Contexto social.

ABSTRACT

This article discusses the creative process of a visual poetic that expands its context of investigation related to the daily practices and material culture of the house. The domestic context is seen as a germinating seed, a reflection related to the notion of the 'domestic' in Michel Maffesoli. The text considers my path as an artist, using the research methodology in visual poetry that focuses on the creative process of the artist's visual poetic. I consider my poetic process and compare it to a seed that expands from the inside out, affecting and interacting with the world. This poetic expansive displacement is exemplified by the artistic proposals that occur outside the limits of the physical space of the house in the so-called public space, in varied social contexts and using dialogical procedures.

KEYWORDS

The domestic; New Genre Public Art; Seed; Dialogical Art; Social context.

O tema do encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas-28ª ANPAP permite buscar modos de pensar sobre uma origem ou uma fonte dos processos que conduzem a propor uma atividade artística dentro de um processo criativo singular, por exemplo, um desenho, uma situação performativa ou uma oficina comunitária em Pelotas. O que constitui o núcleo gerador para as produções variadas de objetos, pinturas, situações, registros fotográficos e desenho que tenho elaborado nos últimos dez anos? Este artigo é uma reflexão sobre uma poética visual que germina da observação de processos cotidianos da casa e como este espaço físico, social e cultural faz brotar sua produção poética. Portanto, começo com a ideia que o espaço doméstico é um tipo de semente da qual germina seu processo criativo e suas propostas artísticas.

No livro *No fundo das aparências*, o sociólogo francês Michel Maffesoli (1996) discute a “lógica do doméstico”. A casa é vista como um núcleo gerador de múltiplas interações sociais e dialógicas formando uma rede de interconexões. Esta lógica do doméstico está organicamente ligada à sociabilidade e os modos de relacionar com as pessoas que visitam a casa ou outros espaços públicos. Existe uma vontade de ser sociável, de acordo com Maffesoli, a sociabilidade doméstica,

[...] tem uma razão interna, que semeia depois de pronta, o grão amadurece, protege-se e eclode no seu próprio interior para, em seguida, expandir-se no exterior, e fecundar, com isso, uma multiplicidade de relações sociais. Toda a organicidade da rede reencontra-se, *in nuce*, nesse processo. É como insistir que a lógica do doméstico é um recentramento que [...] não é, de modo algum, um estreitamento no indivíduo ou na esfera privada (MAFFESOLI, 1996, p. 101).

A casa é um espaço subjetivo, bem como espaço social. A noção da casa, enquanto espaço privado parece sugerir um espaço socialmente separado, como se fosse isolado de outros espaços que consideramos públicos. A casa possui separações físicas - suas paredes - que fisicamente e visualmente separam o

espaço em dentro e fora. Assim, são demarcados dois territórios. Um chamado *privado* tem função de permitir a privacidade familiar e de proteger a propriedade privada. Esta separação física, de certa forma, pode implicar que a casa é isolada de outros processos e fluxos sociais ou dos acontecimentos diários que afetam a política, a economia e a convivência social. A noção do espaço como *público*, por outro lado, tem base em sua suposta acessibilidade pela maioria das pessoas. Entretanto, nem todos os espaços públicos são igualmente acessíveis para todos. Ainda, as pessoas em situação de rua, que moram no espaço público de uma cidade, a única coisa que as separa do entorno é seu cobertor que cria, de certa forma, um espaço isolado, uma ‘casa’ improvisada.

A partir do projeto em poéticas visuais no Curso do Doutorado Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Rio Grande do Sul, comecei a observar o espaço doméstico, seus objetos, seus gestos, suas práticas e suas falas e visitei várias mulheres que se transformaram em colaboradores da pesquisa. Inicialmente, a investigação desse espaço focou na recriação de certos objetos. Durante uma exposição na galeria Espaço Ideia no espaço de convivência no Campus Carreiras da FURG em Rio Grande, dialoguei com as pessoas no campus e decidi realizar uma enquete sobre o que as pessoas falam em suas casas. Perguntei aos alunos: “que tipo de coisas se diz no banheiro, na sala, na cozinha ou na porta de casa?”. Responderam: “Mãe, me traz o papel higiênico”; “Sinta-se em casa”; “Que calor!”; ou “Vou tomar um banho.”. Desta pesquisa de campo surgiu a proposta do objeto intitulada *Falas domésticas* (Figura 1). Imaginei este objeto como algo que poderia ser colocado em cima da mesa de centro numa sala para “quebrar o gelo”. Isto é, seria um dispositivo para despertar a conversação entre duas pessoas a partir da leitura lúdica das *falas* impressas em papéis redondos separados. O continente com múltiplas *falas* é um brinquedo para estimular a sociabilidade doméstica nos momentos desconfortáveis quando ninguém sabe o que falar.



Figura 1. Alice Monsell. *Falas domésticas*. Dispositivo para despertar a conversa feita de papel, impressão a jato e embalagem plástica, 2007. Foto: FUNDARTE.

A pesquisa do Doutorado, intitulada *A (des)ordem doméstica: Disposições, desvios e diálogos* foi a primeira vez que investiguei a casa de forma consciente. Anteriormente, já usava muitos objetos domésticos como modelos para naturezas-mortas. Em 1995, para o Trabalho de Conclusão do Curso do Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas (atual Centro de Artes), trabalhei com um ferro de passar roupa na pintura, utilizando uma forma artesanal de encáustica, feita de parafina e pó xadrez. A possibilidade de regular a temperatura do ferro de passar o tornou útil para derreter a parafina e misturar com o pigmento formando a tinta. Durante o Mestrado em Artes Visuais na UFRGS, também empreguei objetos da cultura material doméstico, tais como filme de PVC para empacotar comida, taças para chá, prendedores de roupa e sacolas plásticas da cozinha. Entretanto, somente com o projeto de doutorado, decidi focar meus esforços na investigação da casa, suas práticas, seus gestos, suas falas, seu cotidiano e a vida doméstica. Visitei colaboradoras da pesquisa que sentavam e falavam comigo sobre suas vidas e mostraram seus objetos pessoais, documentos valiosos escondidos nos armários...

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

Minha atenção também focou nas coisas dentro da minha própria casa onde observei muita acumulação de coisas desnecessárias. Ao refletir sobre pequenos gestos do dia a dia, notei o ato de jogar fora um pedaço de papel e o hábito de amassar e realizar ‘pequenas destruições’ (Figura 2).



Figura 2. Registro fotográfico de um papel amassado do lixo seco na minha casa. 2008.
Foto: Alice Monsell.

O ato de jogar fora constitui um julgamento de valor que retire o valor de uso e o valor de troca do objeto ou material considerado desgastado. Segundo Maffesoli, este julgamento não é isolado de todo um sistema econômico e social com qual a casa faz parte. Maffesoli (1996, p. 284), nota que, os “objetos anódinos não deixam de conter o mundo no seu todo” ampliando as relações simbólicas. O objeto, seja doméstico, público, arquitetural ou para lazer, “torna-se o totem em torno do qual se organiza a vida social” (MAFFESOLI, 1996, p. 287).

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

Deslocamentos de dentro para fora

A casa pensada como semente ou núcleo gerador da minha produção também está associado ao *movimento de dentro para fora*, que podemos perceber na obra *Falas Domésticas* e seus papéis que se espalham de um núcleo central, ou no registro documental de um pedaço de papel amassado que foi retirado de uma lixeira. A noção da casa como um núcleo e como uma semente que cresce e que se expande de seu centro para o exterior repete em vários trabalhos realizados desde 2012. Nesse ano, fui convidada pela colega vinculada ao Centro de Artes da UFPel, Duda Gonçalves, para compartilhar a liderança do grupo de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas (CNPq/UFPel). Em 2012, como docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), decidi que seria um bom momento para criar um projeto utilizando procedimentos de deslocamento que é uma operação de base para os colaboradores do grupo de pesquisa. Criei a proposta intitulada *Os caminhos do lixo*, para investigar e questionar o trânsito de lixo em Pelotas, RS e os processos de acumulação que acontecem dentro de casa e que se espalham e expandem para fora, na rua. Assim, o processo criativo dessa poética visual, novamente, passa pelo filtro da casa, mostrando que as práticas cotidianas que acontecem *fora* do espaço doméstico também constituem uma extensão deste, assim como as produções poéticas desta pesquisa em artes se constituem como uma expansão espacial daquela semente poética, a casa. Esta ideia remete à dialética espacial em Gaston Bachelard (2003, p. 63) que o “grande sai do pequeno”. Assim, o processo criativo que investiga o contexto da casa não é limitado por seu contexto social, que se amplia e revela que o espaço público é também uma extensão social do privado.

Ao utilizar a fotografia para registrar o trajeto do lixo que sai da minha casa até outros locais na cidade. Estas caminhadas continuam até hoje, assim como este mapeamento do lixo em Pelotas. Caminho sozinho ou com alunos colaboradores da pesquisa *Sobras do Cotidiano e Contextos de Artista em Deslocamento* (UFPel). A

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

partir dos registros deste percurso, mapeio os percursos do lixo para construir, aos poucos, uma cartografia complexa que mostra os fluxos de dentro para fora e do espaço privado para o público. Observo, caminhando na rua, os processos industriais e comerciais que estabelecem caminhos para o lixo que é transportado da casa para outros lugares, como o aterro sanitário de Candiota, RS. O projeto tem o objetivo de tornar estes caminhos mais visíveis e conscientizar as pessoas sobre a quantidade de lixo produzida diariamente na casa.

Uma das primeiras apresentações tomou forma de um mapa de Pelotas em formato de uma toalha de mesa esticado sobre uma mesa com cadeiras, exibido na galeria do Espaço de Arte Ágape em Pelotas (Figura 3). O trabalho é um dispositivo no qual as pessoas podem sentar e olhar os desenhos fixados na 'toalha de mesa' de papel, sobre a qual desenhei um mapa do Centro de Pelotas e fixei outros desenhos soltos com alfinetes no mapa. A linha vermelha, no desenho, indica o trajeto caminhado e os locais onde efetuei registros fotográficos. Estas fotos foram transformadas em desenhos e, na forma de múltiplos impressos a jato de tinta, marcam os lugares onde observei sacolas de lixo ou materiais descartados na rua.



Figura 3. Alice Monsell. *Os caminhos do lixo*. 2015. Papel, jato de tinta, pastel, mesa e cadeiras.

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

Deslocamentos históricos dentro para fora

O deslocamento das produções desta pesquisa para o espaço público ainda tem base na investigação de processos gerados pela casa. Segundo Lalande (1996, p.374), “o *interior* e o *exterior* são uma relação espacial intuitiva que se expressa pelas palavras *dentro* e *fora*”, onde se subentende que o *fora* se refere ao espaço visível e material, enquanto o *dentro* sugere um espaço oculto. As noções de interior e exterior podem ser vistas como um espaço do sujeito que é pessoal, seu “interior”, enquanto seu entorno é visto como “exterior” ao corpo físico ou estado mental. Entretanto um resultado da prática de caminhar, nesta pesquisa, possibilita *ativar a observação em movimento* que une, para o olhar, os espaços normalmente percebidos como separados (por exemplo, o espaço privado e público), e permite observar a conexão de todas as coisas (ações e objetos) como partes ou etapas de um processo mais complexo (econômico, social e político) que se desloca e se constitui no tempo.

Na arte depois dos anos 1960, muitos artistas como John Cage, Robert Rauschenberg, Jasper Johns, artistas da *Arte Pop* e dos *Novos Realistas* se afastam de uma arte que investiga o que é internalizado, até ironizando o Expressionismo Abstrato (lembrando o famoso ato de Rauschenberg de “apagar” com borracha um desenho em pastel oleoso e técnica mista de seu mentor DeKooning). Depois dos anos 50, e depois da queda de uma bomba nuclear, não era mais possível olhar o mundo do ponto de vista expressionista, gerada de uma vontade interna de ‘tornar visível’, (citando Paul Klee), ou expressar algo invisível, espiritual ou psicológico, ou algo que secreta da interioridade do artista. A partir dos anos 1955, muitos artistas jovens abandonaram este modo de pensar a arte como expressão de origem interna, provinda de um olhar mais ‘para dentro’ (embora hoje, não deixe de ser uma das possibilidades da arte). Estes artistas preferem explorar a contemporaneidade como uma investigação do cotidiano e como “apropriação da realidade exterior do mundo” (RESTANY, 1979, p. 146), como escreveu crítico francês Pierre Restany:

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

Os novos realistas consideram o mundo como um quadro, a grande obra fundamental de cujos fragmentos dotados de significação universal se apropriam. Mostram-nos o real em seus aspectos diversos de sua totalidade expressiva. E por intermédio dessas imagens específicas, é a realidade sociológica completa,...

Este modo de pensar sobre a arte, em minha produção poética, este olhar para o 'exterior do mundo' tem referência nestes artistas que procuram investigar o cotidiano. Do mesmo modo, meu processo criativo procura não se limitar pensar a cultura doméstica como uma investigação do espaço *dentro* da casa. Certamente este espaço e suas práticas não se reduzem a uma extensão da minha pessoa ou uma expressão do sujeito, pois, o espaço e cultura domésticos existem num espaço social e não individual. Como os *Novos Realistas*, esta pesquisa se constitui por meio de um olhar para fora de si, e para fora da casa, pensando a arte a partir do ato de observar e investigar o mundo e *sua* expressão local e global, onde o papel do artista inclui a participação em diálogos e comunicações com as pessoas no espaço público. A casa continua a ser o filtro do pensamento e da produção poética, mas o corpo do artista em deslocamento busca lugares públicos e pessoas para dialogar. Restany enfatiza a qualidade sociológica da investigação dos Novos Realistas, bem como associa esta nova arte com a comunicação. Por isso, os Novos Realistas são precursores de tendências da arte desde os anos 1990 nos Estados Unidos, e no Brasil. Para Restany, é um sinal que os artistas contemporâneos dos anos 1960 buscam realizar uma arte mais performativa que envolve o público em conversações.

Durante as caminhadas converso com as pessoas nas ruas de Pelotas ou nas praias da Lagoa dos Patos. O grupo de pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa DesLOCC, formado por professores e alunos do Centro de Artes, realiza caminhadas em locais perto de Pelotas, como Marambaia, que fica no canal São Gonçalo e no Laranjal, um bairro de Pelotas com uma praia na Lagoa dos Patos. A partir de 2016, começamos a realizar caminhadas coletivas com ações de manutenção da praia. Os caminhos do lixo me levam para longe da minha casa. Ao

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

juntar detritos, observamos sua origem, na maioria, são embalagens domésticas de detergente líquido para louça, embalagens plásticas de comida comprada na praia. Tudo que é coletado é levado para casa para realizar o descarte apropriado.



Figura 4. Alice Monsell. *Transbordamento plástico, Lagoa dos Patos*. Alice Monsell, 2018. Cartão postal elaborado a partir de registros fotográficos da ação coletiva *Caminhada e Ação de Limpeza Laranjal III*, impressão digital sobre papel reciclado.

Este cartão postal (Figura 4) foi montado a partir de dois registros fotográficos da *Caminhada e Ação de Limpeza de Laranjal III* de 2018. As fotos foram montadas para produzir um cartão postal que foi, posteriormente, distribuído durante eventos em 2018, tais como a *Feira de Múltiplos da 16ª edição do Projeto Armazém no MASC*, em Florianópolis, SC e a exposição coletiva itinerante *Água Essência da Vida*, organizada pela Associação de Chico Lisboa de Porto Alegre, que circulou em cinco cidades entre 2018 e 2019 apresentando imagens desta caminhada e uma sacola plástica azul cheia dos detritos coletados na praia (Figura 5). Considero engraçado que este lixo está se deslocando nas galerias e espaços públicos do Rio Grande do Sul, com a esperança que esta relação lúdica e irônica desperta diálogos

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

português, Novo Gênero de Arte Pública. Este termo e algumas artistas relevantes são discutidas no livro, *Mapping the Terrain: New Genre Public Art* organizado pela artista Suzanne Lacy (1995). Esta arte se trata das práticas artísticas dentro de contextos sociopolíticos e históricos diversos, enfatizando táticas de participação e o quadro institucional da arte. Considera-se uma arte “nova”, por se afastar de uma arte pública tradicional e para este novo gênero de arte pública que considera os aspectos sociais de um contexto urbano e que podemos chamar de uma arte comunitária. De certa forma, trabalhar numa comunidade seria como voltar para casa que é situada num espaço público, em termos de tratar o espaço fora de casa como um “espaço social” localizado num contexto público.



Figura 6. Mara Nunes (à direita), aluna do Mestrado em Artes Visuais da UFPel conversa com as crianças no Katangas, espaço cultural do Instituto Hélio D'Angola em Pelotas. Foto: Alice Monsell.

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

A *prática dialógica* é outro termo associado à arte realizada por artistas em comunidades. No livro, *Conversation pieces: Community + communication in modern art*, Grant H. Kester (2004) desenvolve a noção da estética dialógica para designar propostas de arte que envolve uma série de conversações e encontros, num período com duração relativamente ao longo prazo, entre o artista e membros de uma comunidade num contexto urbano ou rural. Na comunidade, o artista se torna um facilitador e potencializa um contexto alternativo onde o diálogo possa favorecer melhoramentos sociais, ao mesmo tempo, levantando questionamentos sobre os limites de intervenção social do artista (2004, p.15).

Em atividades mais recentes, vejo meu trabalho como pesquisadora em arte se expandindo, mais uma vez, da semente em constante germinação, na procura de novos públicos, ou seja, pessoas, crianças e famílias que moram em lugares outros, um *público específico* que é uma comunidade. O artista vem ao encontro de sua casa estendida que permite explorar a arte por meio de relações de sociabilidade durante as oficinas que oferecemos para os jovens que moram no bairro do Porto de Pelotas (Figura 6). No Espaço Cultural Katangas Nova Geração, desloco minha vontade de cultivar o diálogo com as crianças e outras maneiras de agir e pensar as relações entre as práticas do cotidiano doméstico e o meio ambiente.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____; LUCE, G.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- LACY, Suzanne (ed.). **Mapping the terrain: New Genre Public Art**. Seattle: Bay Press, 1995, disponível em: <
https://monoskop.org/images/7/7c/Lacy_Suzanne_ed_Mapping_the_Terrain_New_Genre_Public_Art_1995.pdf > Acesso em: 15 jan. 2019.
- LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.

KESTER, Grant H. Aesthetic Evangelists: Conversion and Empowerment in Contemporary Community Art. In. **Afterimage: The Journal of Media Arts and Cultural Criticism**. University of California Press, vol. 22, January, 1995. Disponível em: < https://slought.org/media/files/grantkester_aestheticevangelists.pdf > Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Conversation pieces: Art + communication in modern art**. Berkeley: UCLA Press, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MONSELL, Alice. **A (des)ordem doméstica** : disposições, desvios e diálogos. 2009. 302 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/18663> > Acesso em 12 mai. 2019.

RESTANY, Pierre. **Os novos realistas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

SMITHSON, R. Um Passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jersey. **Revista arte e ensaios**, Rio de Janeiro, n. 19, p.162-167, 2009.

Alice Jean Monsell

Artista e pesquisadora em Artes Visuais. Doutora em Artes Visuais com concentração em poéticas visuais (UFRGS 2009). Professora Associada dos Cursos do Bacharelado e do Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. Colíder do Grupo de Pesquisa DesIOCC - Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel). Editora do PARALELO 31, revista de pós-graduação em Artes Visuais da UFPel. Contato: alicemondomestico@gmail.com

MONSELL, Alice Jean. A casa como semente de práticas poéticas: deslocando processos domésticos em espaços públicos e dialógicos, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2539-2552.